

A Cultura Popular e o Diálogo com a Escola na Vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES¹

Popular Culture And Dialogue With The School In The Village Of Itaúnas, Conceição Da Barra/ES

CLAUDIA ALVES SILVA

Mestre em Ensino na Educação Básica - PPGEEB/CEUNES/UFES, Pedagoga da
Secretaria Municipal de Conceição da Barra/ES
claudiaalvez@gmail.com

MARIA ALAYDE ALCANTARA SALIM

Doutorado em Educação na Universidade Federal do Espírito Santo - PPGE/CE/UFES,
Professora da Universidade Federal do Espírito Santo - CEUNES/UFES
maria.salim@ufes.br

RESUMO

O presente resultou de uma pesquisa que investigou a cultura popular e o diálogo com a escola na vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES. Focalizou especialmente os grupos culturais existentes na vila, suas manifestações e a relevância da valorização da cultura para o processo de ensino-aprendizagem e para as práticas pedagógicas no contexto escolar. A metodologia seguiu os pressupostos da abordagem qualitativa do tipo etnográfica, de acordo com Ludke e André (1986), utilizando as técnicas de entrevistas, observação e grupo focal. As reflexões teóricas foram norteadas pelos estudos de Vygotsky (1995), Benjamin (1994, 2009), Moreira e Candau (2003), na abordagem dos conceitos relativos à cultura e práticas culturais. De acordo com o resultado do estudo, foi possível identificar que existe um diálogo entre a cultura popular e a escola. Na investigação com os alunos, verificou-se que existe interesse em relação à diversidade cultural proposta nas atividades pedagógicas, estabelecendo um diálogo com os grupos culturais existentes na vila e a escola, com o intuito de potencializar e fortalecer a cultura popular.

Palavras-chave: Itaúnas. Cultura Popular. Ensino.

ABSTRACT

The present study resulted from research that investigated the popular culture and the dialogue with the school in the village of Itaúnas, Conceição da Barra ES. It focused especially on the existing cultural groups in the village, their manifestations and the relevance of valuing culture for the teaching-learning process and for pedagogical practices in the school context. The methodology followed the assumptions of the ethnographic qualitative approach, according to Ludke and André (1986), using interview, observation and focus group techniques. Theoretical reflections were guided

¹ Recebido em 20 junho de 2023. Aprovado em 10 de agosto de 2023.

by studies by Vygotsky (1995), Benjamin (1994, 2009), Moreira and Candau (2003) by approaching concepts related to culture and cultural practices. According to the result of the study, it was possible to identify that there is a dialogue between popular culture and the school. In the investigation with the students, it was verified that there is interest in relation to the cultural diversity proposed in the pedagogical activities, establishing a dialogue with the cultural groups existing in the village and the school, with the aim of enhancing and strengthening popular culture.

Keywords: Itaúnas. Popular culture. Teaching.

INTRODUÇÃO

Neste artigo propomos algumas reflexões sobre como acontece o diálogo entre a cultura popular local e a escola, especificamente na EMEF Benônio Falcão de Gouveia, localizada na vila de Itaúnas, município de Conceição da Barra/ES. Dessa forma, considerando o propósito da pesquisa, a metodologia utilizada foi a abordagem qualitativa, do tipo etnográfica, que, segundo Ludke e André (1986), tem como principal método para coleta de dados a observação do ambiente investigado, sendo o próprio pesquisador o principal agente. A observação é considerada participante, porque o pesquisador sempre interage, em maior ou menor grau, com a realidade que procura conhecer (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Além da observação participante, foi utilizada a técnica de *Entrevistas*. “A entrevista consiste numa conversa intencional e é utilizada quando existem poucas situações a serem observadas ou quantificadas, e ainda quando se deseja aprofundar uma questão” (CASTRO, MARTINS, GONZALEZ, 2013, p. 37).

A cultura popular precisa ocupar um lugar de destaque no ensino, dando sua contribuição para a compreensão a respeito da diversidade de comportamentos culturais, escolhas políticas ou religiosas, aceitação e compreensão das desigualdades sociais em relação a uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse sentido, o conhecimento histórico pode emergir por meio da cultura trazida a partir dessas manifestações de grupos culturais inseridas no meio escolar. A dimensão cultural da escola foi observada por Moreira e Candau (2003, p. 160),

[...] “A escola é, sem dúvida, uma instituição cultural. Portanto, as relações entre a escola e cultura não podem ser concebidas como entre dois polos independentes, mas sim como universos entrelaçados, como uma teia tecida no cotidiano e com fios e nós profundamente articulados”.

A escola, representando um dos principais lugares de acesso à cultura, deve propiciar momentos para o aluno, não só de se apropriar dessa cultura, mas também de aprender a utilizá-la em outros momentos de sua vida, transformando e ampliando sua própria cultura e dos outros ao seu redor. Assim, propiciando a construção do autoconhecimento, e possibilitando a aprendizagem acerca da cultura popular e suas manifestações presentes nas crenças e expressões populares.

A aprendizagem é, sem dúvida, uma atividade contínua que se inicia nos primórdios da nossa vida e se estendendo ao longo dela. Dessa forma, a escola é um dos diversos ambientes em que se adquire conhecimento. Segundo Vygotsky (1995), o desenvolvimento da aprendizagem e a construção desse conhecimento perpassam pela produção da cultura, como resultados das relações humanas.

Vygotsky (1995) atribui grande importância ao domínio da cultura no processo de desenvolvimento psicológico da criança. Voltando-se, dessa forma, para o estudo das relações entre cultura e desenvolvimento, contribuindo, desde então, para o campo da pedagogia. Para Vygotsky, quando a criança adentra na cultura, toma algo dela e se enriquece com o que está fora dela. Ou seja, a própria cultura renova o seu desenvolvimento.

Sendo assim, como estimular e ampliar o conhecimento sobre a cultura popular, levando-se em consideração os grupos culturais locais? Como trabalhar no currículo escolar as práticas culturais de um município? O que são essas práticas culturais? Como o estudo do passado pode se relacionar com a realidade do presente? Como priorizar a história e a cultura local?

Essas questões foram centrais na abordagem do tema proposto, pelo fato de o município de Conceição da Barra, localizado no norte do Espírito Santo ser palco de uma riqueza histórica e cultural, no âmbito das manifestações e diversidades culturais. Nesse contexto, consideramos de fundamental relevância entender a relação desse trabalho de recriação e produção de práticas culturais, nas escolas, com a aprendizagem e formação dos estudantes.

A HISTÓRIA E A CULTURA DA VILA DE ITAÚNAS

A Vila de Itaúnas se localiza a 25 km de Conceição da Barra e a 270 km de Vitória, capital do Espírito Santo. Dentre os primeiros registros históricos sobre Itaúnas, destaca-

se o relato do príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied que, em viagem ao Brasil. por volta de 1815, em passagem por Barra de São Mateus, descreve:

Aproximadamente a meia légua de S. Mateus, o pequeno rio Guajintiba desemboca no mar. Costuma-se embarcar nele e subir três léguas até a fazenda das Itaúnas, que pertence ao ouvidor da comarca de porto Seguro, o Sr. Marcelino da Cunha. As margens do pequeno rio, então caudaloso, são vestidas de vegetação densa; perto do mar ela é formada principalmente pelos mangues, cuja casca se usa para curtir couros. A água é barrenta, como a da maioria dos pequenos córregos da mata, no Brasil, e o peixe é abundante; quando passávamos, alguns pescadores tinham justamente pescado uma canoa cheia. Saltamos numa roça deserta e parecendo abandonada, onde esplêndidos ananases (Bromélia) medravam selvagens, grandes, sumarentos e cheirosos (WIED-NEUWIED, 1989, p. 172).

Conta o príncipe que a vegetação era densa, o peixe era abundante, as florestas eram povoadas por tribos “selvagens”, nas margens do rio São Mateus, onde encontravam-se população de indígenas designada pelo autor de “não civilizadas”, expressando assim a visão preconceituosa em relação aos povos originários. No seu relato destacou a presença dos Pataxós, Cumanachós, Machacalis e Botocudos. Acrescenta ainda que:

Itaúnas é uma fazenda de criação, com um curral ou cercado para o gado, e uma miserável choupana para negros e índios que tomam conta dos animais. O proprietário reunira, aí, algumas famílias de índios, para, com o tempo, formarem uma colônia; destinavam-se, a princípio, a proteger a costa contra os tapuias e Itaúnas e, por isso, considerado um quartel. Alguns índios, que por acaso iam pelo mesmo caminho nosso, acompanharam-nos para o norte, vindos de Itaúnas. Levavam as espingardas de caça, e conheciam perfeitamente a região. Passamos entre duas pequenas correntes, o riacho Doce e o rio da Ostras, ambas insignificantes, mas que, saindo dum pitoresco cenário verdejante floresta encimada de belas palmeiras, formavam romântica paisagem (WIED-NEUWIED, 1989, p. 173).

Pode-se observar que a população em geral, citada pelo príncipe em sua viagem, fez-se presente na construção de uma cultura entre duas raízes, os indígenas e os negros africanos, com presença muito perceptível na vila. Assim:

Na fazenda das Itaúnas, encontramos um jovem Puri, que fora criado pelo ouvidor; já falava português, e diziam ser muito dócil. As poucas palavras que lhe sabíamos da língua nativa, conquistaram-nos sua confiança. Lamentamos não ter conosco o nosso Puri de S. Fidélis, que ficará atrás, à margem do Jucu (WIED-NEUWIED, 1989, p. 173).

A origem do nome Itaúnas é formada por duas palavras: *itá* (substantivo feminino de origem tupi-guarani que significa 'pedra', 'metal' etc.) e *una* (adjetivo de origem tupi-guarani - preta). A palavra itaúna é uma designação comum a várias rochas negras, como o basalto, o diabásio, o diorito etc. (ESTADO, 2004). Segundo os moradores, o nome da

vila de Itaúnas se deve ao rio que percorre toda sua extensão, que significa ‘pedras negras’, provavelmente devido às pedras escuras depositadas em seu leito, fazendo com que suas águas fiquem escuras. Também na região denominada Itaúnas existem formações rochosas no mar, arenitos em processo inicial de litificação. A impressão de quem está na praia é de que são muito mais escuras que a realidade. Os antigos moradores alegam que os índios denominaram essa região de Itaúnas em função de tais formações.

Itaúnas, hoje, possui, aproximadamente, 1.800 habitantes², tem em seu entorno a comunidade³ rural de Angelim I, remanescente de quilombolas, com aproximadamente 15 famílias descendentes das famílias dos Guimarães, Souza Nascimento e Batista, totalizando 57 habitantes. A comunidade de Angelim I está localizada a 4 km, antes de chegar à vila de Itaúnas. Suas estradas são entrecortadas por eucaliptos, cultivados nas áreas das empresas de celulose presentes na região, e algumas árvores nativas, que resistem ao forte processo de degradação ambiental, intensificado a partir da década de 1960 com a implantação das referidas empresas.

Atravessando a vila, no sentido norte, há o rio Itaúnas, um rio de águas escuras, que deságua no mar, com uma ponte de concreto armado com barras de ferro de um lado e de outro; uma estrada de barro batido que, à esquerda, se avista um pântano e, à direita, uma paisagem belíssima para as dunas, o rio, os alagados e fragmentos da Mata Atlântica.

No final dessa estrada, mais ou menos a um Km, existe um vilarejo mais conhecido como Aldeia, e, segundo o morador mais antigo do lugar, o Sr. Paulo Lopes Santana, conhecido como Paulo Jacó⁴, o nome Aldeia para eles é: “[...] devido nós morador do lugar ser a maioria descendentes de índio, minha descendência vem dos Índios Pataxós” (JACÓ, 71 anos, 2022).

No vilarejo Aldeia, moram 15 famílias, numa somatória de 45 pessoas, todos com descendência indígena, sua descendência provém dos índios Pataxós: “[...] porque minha

² Setor de Tributação da Prefeitura Municipal de Conceição de Barra, 2019.

³ Compreende-se pelo termo comunidade os grupos sociais com elevado grau de contato social direto, unidos por laços afetivos, apoiados em limites territoriais que delimitam o espaço correspondente a determinada comunidade. O termo comunidade contrapõe-se à sociedade (ou, para alguns autores, à sociedade societária em oposição à sociedade comunitária) e suas relações baseadas em necessidades instrumentais determinadas pela acentuada divisão do trabalho e os múltiplos papéis sociais. Ou seja, nesse caso há um acordo racional de interesses entre os indivíduos ao invés de uma associação solidária fruto de uma vontade coletiva fundada em relações de parentesco, como ocorre nas comunidades (CHAUÍ & OLIVEIRA, 2009; TÖNNIES, 1963).

⁴ JACÓ, Paulo. Morador da Aldeia. Entrevista concedida a Claudia Alves, em 06 de abril 2022.

avó era índia; aí no Buraco do Bicho⁵ era as aldeias dos índios, eu mesmo sou índio dos Pataxós, a vila antiga tinha muitos índios Pataxós” (JACÓ, 71 anos, 2022) (informação verbal).

Segundo o Sr. Paulo Jacó, pescador e artesão, ele é um dos poucos moradores que ainda sobrevivem da vila antiga, que não teve a oportunidade de estudar, mas reconhece a história cultural impressionante que existe nesse lugar. Ele conta que:

[...] o soterramento da antiga vila foi provocado pelos desmatamentos para exploração de madeira, assim com o soterramento da vila e a formação das dunas, fez com que nós moradores fizesse as casas desse lado do rio, e começou aos poucos a formar o vilarejo, hoje conhecido pelo nome de ‘Aldeia’, nome dado por nós mesmo, devido em sua maioria, todos serem índios, e alguns moradores foram lá pra nova vila da Itaúnas (JACÓ, 71 anos, 2022) (informação verbal).

A população da vila antiga guarda na memória lembranças importantes de grande relevância cultural e de uma estimável herança dos seus antepassados, uma vez que esses moradores da vila atual contam e recontam várias histórias da formação das dunas. De acordo com Jacó (2022), “[...] as dunas sempre existiram, aí foi devagarinho o vento trazia a areia que ia cobrindo as casa, tinha casa que podia ver a areia cobrindo as janela, tudo foi num processo lento, ano após ano ia se formando as duna, meu pai veio pra cá, onde tô até hoje” (JACÓ, 71 anos, 2022).

Dessa forma, os antigos moradores foram obrigados a reconstruírem uma nova vila na outra margem do rio, trazendo tudo aquilo o que conseguiram, inclusive, objetos das casas, como, tijolos, telhas, portas, janelas, e tudo aquilo que deram conta de carregar, abandonando muitas lembranças e memórias de um passado histórico e cultural.

Através de informações obtidas no Livro Catálogo de Bens Culturais Tombados no Espírito Santo (2004), o surgimento das dunas ocorreu no período de 1930 até o início da década de 1970, no mesmo ano da exploração de madeira de lei na região, exploração propiciada pelo transporte relativamente fácil através do rio Itaúnas e pela implementação de vias de acesso à região.

Devido à ação dos ventos, principalmente os ventos nordeste e sul – predominante na região – houve o fenômeno da formação das dunas, que provocou o gradativo soterramento da vila, com duração de 30 anos para o efetivo soterramento, chegando até mesmo a encobrir a igreja matriz cujo prédio atinge altura superior a 20m, o que obrigou

⁵ Trilha com aproximadamente 2,8 km de distância da vila de Itaúnas.

na transferência da população local para região adjacente, e a fixação de sua residência do outro lado do rio, formando uma nova vila.

Os moradores que sobreviveram contam que esse fato ocorreu em um processo lento, e os que viviam da pesca fixaram-se à margem oposta do rio Itaúnas, fundando a atual aglomeração de Itaúnas, formada na época por mais ou menos 350 pessoas. Essa população, ainda hoje, subsiste essencialmente da pesca e do turismo (ESTADO, 2004).

Na década de 1980, foi construída a primeira ponte de concreto, já que as anteriores eram constituídas de madeira, sempre derrubadas por vegetações (balseiros), ilhas flutuantes, que, através da correnteza forte do rio, arrancavam fortemente as madeiras que seguravam a ponte e, com isso, faziam com que a estrutura caísse.

Em 1991, foi criado o Parque Estadual de Itaúnas (PEI), seu nome foi escolhido devido ao rio Itaúnas, que corta toda a Unidade de Conservação do município. Antes mesmo da criação do parque, ainda na década de 80, a vila ganha uma ação importante, o tombamento das “Dunas de Itaúnas” como bem natural, pelo Conselho Estadual de Cultura, por meio da Resolução n. 08/86, preservando as formações arenosas e seus terrenos adjacentes.

O Projeto TAMAR-IBAMA prestou enorme apoio à criação do Parque, uma vez que já havia iniciado suas atividades de proteção às tartarugas marinhas na região de Itaúnas, desde junho de 1991, pois esta região havia sido identificada como importante sítio de reprodução desses animais, mais um importante argumento para criação do Parque Estadual de Itaúnas. Em 1992, o Parque Estadual de Itaúnas foi declarado pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade, integrando a Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (ESTADO, 2004).

Aumento populacional, expansão do comércio através do crescimento e empreendimentos de casas e pousadas, o fluxo do turismo numa estimativa de novas mídias e tecnologias, transformando, assim, a vila simples, romântica e bucólica, em uma atração turística disputada por turistas em épocas de veraneio. De acordo com dados coletados no Parque Estadual de Itaúnas (2019), ocorre o aumento do turismo desordenado, que chega a superar os 70.0000 (setenta mil) visitantes. Em relação a isso, tem-se o *progresso* chegando, na crítica tecida por Benjamin (1994, 2009) à Modernidade, o “Deus Progresso”, que concebe a história da humanidade como avanço

do desenvolvimento técnico, numa marcha orientada pela ideologia do progresso, em que as tragédias dos vencidos são apagadas.

Cabe lembrar que a vila de Itaúnas, antes bucólica, agora emerge em um processo de desenvolvimento e um crescimento não só populacional, mas também de construções e benfeitorias, o que aumenta, dessa forma, o turismo – antes, sazonal, agora, regular e frequente – de modo acelerado. Dessa forma, aos poucos, a tradição vivenciada por seus moradores, como parte de suas raízes, sofre os impactos dessas transformações, tal situação nos remete à uma questão importante: como esse crescimento impacta na vida cultural da comunidade? Sendo assim, diante deste cenário de transformação social da vila, destacamos a importância do diálogo da escola com a cultura local.

Na Vila, sempre existiu um movimento religioso marcado pelas festividades dos Padroeiros São Benedito e São Sebastião, comemorados nos dias 19, 20 e 21 de janeiro. Essa religiosidade católica é herdada da religiosidade afro-brasileira, que acontece em várias regiões brasileiras.

A fé em São Sebastião faz o povo andar pelas ruas no dia 20 de janeiro, quando se homenageia o santo padroeiro e, por consequência, a vila, depois da descida do Grupo do Ticumbi pelo rio Itaúnas. Destacamos que o Ticumbi é conhecido como um dos mais tradicionais folguedos do norte do estado do Espírito Santo, é uma manifestação da cultura popular capixaba, étnica e ritualística que existe em Conceição da Barra, herança da cultura africana dos tempos coloniais. O cortejo faz um percurso de aproximadamente 7,5 km, até a ponte de Itaúnas. Na sequência, toda a população já está esperando pelos grupos e seguem em procissão até a igreja de São Sebastião (praça), onde o público assiste às apresentações de vários grupos, como Ticumbi, Jongo, Pastorinhas, Reis de Boi, Samba de São Benedito e do Alardo, Reis de Boi do Mestre Nilo (Comunidade Santana), Reis de Boi do Mestre Nenem (Marcílio Dias⁶), Reis de Boi do Mestre Dito (Barreiras)⁷, Reis de Boi do Mestre Tião de Veio (Porto Grande)⁸, Jongo de Santa Bárbara de Gessi Cassiano (Linhaquinho) e o Jongo de Santana de Maria Amélia (Santana),

A ESCOLA, OS PROJETOS E AS OFICINAS

⁶ Bairro do município de Conceição da Barra.

⁷ Comunidade ribeirinha de ambas as margens do Rio Cricaré.

⁸ Comunidade nas mediações de São Mateus, pertencente ao município de Conceição da Barra.

A escola foi inaugurada com o nome de “Escola Municipal Benônio Falcão de Gouveia”, em 1977, funcionando com uma única sala de aula e uma turma de 1ª série do 1º Grau. Atualmente, funciona com 239 alunos matriculados, 32 funcionários, sendo distribuídos da seguinte forma: 01 diretora, 02 coordenadoras de turno, 01 Secretária Escolar (SE), 01 Auxiliar de Secretaria Escolar (ASE), 03 Pedagogas, 01 professora e Reforço (Matemática e Língua Portuguesa), 06 professoras regentes do 1º ao 5º ano (séries iniciais), 08 professores de áreas específicas 6º ao 9º anos (séries finais), 03 professoras especialistas ao Atendimento de Alunos Especiais (AEE), 06 Auxiliares de Serviços Gerais (ASG), que todos os dias abrem as portas nos turnos matutino e vespertino.

A escola possui 08 salas de aula, 01 auditório, 01 almoxarifado, 01 sala de informática, 01 sala de leitura, 01 secretaria, 01 sala de professores, 01 sala de recursos - (Atendimento Aluno Especial – AEE), 01 sala de diretor, 07 banheiros distribuídos entre feminino e masculino, 01 cozinha e refeitório coberto, corredores internos e corredores externos cobertos.

Com o propósito de abordarmos a relação da escola com a cultura local, entrevistamos a ex-diretora que ficou à frente da instituição entre 2008 a 2020. Em seu relato um projeto cultural realizado durante o período que esteve na gestão escolar:

[...] a parte do projeto “Diversidade Cultural na Escola” aconteceu ao longo desses anos, ora muito forte, ora mais fraco, então no período que iniciei, em 2008 até 2017, mais ou menos, foi um período que o município sempre patrocinava as atividades no quesito dos Mestres, mas a gente tinha muita dificuldade com as indumentárias; com a parte de levar os alunos além-fronteira, além daqueles espaços que eles eram convidados, além daquelas atividades festivas, como a parte do folclore em agosto. Então, a gente tinha vontade de fazer isso crescer. E aí, mediante a tudo isso, nós elaboramos o projeto “Diversidade Cultural na Escola”, pela SECULT⁹, via Conselho de Escola. Ao qual deu uma alavancada nessas atividades” (CAMPOS, 44 anos, 2022) (informação verbal).

O relato faz menção aos editais da Secretaria de Estado e Cultura do Espírito Santo (SECULT), voltados ao financiamento de projetos culturais, especificamente o Edital nº 009/2018 para a “Seleção de projetos culturais e concessão de prêmio para culturas populares e tradicionais do estado de Espírito Santo”. Em 2018, com a colaboração e o empenho da equipe, a escola se inscreveu sob o título do projeto de “Diversidade Cultural

⁹ Secretaria de Estado e Cultura do Espírito Santo

na Escola”, via Conselho de Escola. Dessa forma, a EMEF “Benônio Falcão de Gouveia” foi contemplada e selecionada, podendo desenvolver melhor o projeto, que, com a verba recebida, pôde contratar os oficineiros e comprar os materiais a serem utilizados, inclusive, financiar as viagens para os grupos da escola se apresentarem em outros municípios, vide perfil do projeto¹⁰.

De acordo com a entrevistada até 2017, “[...] as atividades eram realizadas sempre uma vez por semana, às vezes de 15 em 15 dias, com os Mestres vindo ensaiar essas crianças, com as modalidades de Jongo, Ticumbi e Reis de Boi, sendo que o Reis de Boi era para os alunos de 6º a 9ºanos, sempre optaram em deixá-lo para 6º ao 9º, porque é um atrativo para o imaginário desses adolescentes, eles sempre gostam um pouco mais” (CAMPOS, 2022) (informação verbal). A gestora destacou ainda a importância dos projetos no processo de fortalecimento dos laços de identidade dos alunos com o lugar:

E com as atividades funcionando na escola, a gente percebia que isso ajudava muito no quesito de permanência da cultura na nossa vila. E de certa forma, no pertencimento dessa criança, dele ou dela perceber que faz parte desse contexto histórico e a riqueza que é. (CAMPOS, 44 anos, 2022) (informação verbal).

A identificação com a cultura local faz com que ex-alunos da escola se envolvam com projetos promovidos pela instituição, atuando como voluntários, como é o caso do instrutor de capoeira, que oferece oficinas para os alunos e para a comunidade local.

Na pesquisa de campo na escola realizamos a técnica do grupo focal com 12 alunos do 8º ano (Anos Finais). Foram selecionados para participarem da pesquisa os alunos que demonstraram disponibilidade, além do critério de estarem matriculados na escola desde o 1º ano. Esses encontros com os alunos, aconteceram no mês de novembro de 2022, na Sala de Leitura da EMEF Benônio Falcão de Gouveia. Iniciamos a atividade propondo uma reflexão sobre como acontece a relação da escola com a cultura local: prontamente uma aluna destacou

“em projetos, atividades, a escola está sempre buscando colocar, tipo, a cultura nas atividades...”

Outra aluna observou: “[...] às vezes não estamos interessados nessas coisas, mas a escola tenta incentivar a gente cada vez mais e não deixar a cultura nossa morrer...”

¹⁰ www.mapacultural.es.gov.br

No momento dessa discussão um aluno relatou uma experiência que vivenciou na aula de história:

A gente acabou de fazer um projeto durante essa semana sobre “As contribuições da cultura afro-brasileira”, que foi nas aulas de história da professora Mariana. Foi falado das danças como, ticumbi, capoeira, jongo e outros, foi feito também uma aula sobre a culinária....

A narrativa do aluno foi interrompida por uma outra colega, que estava muito ansiosa para falar:

Outros professores procuram explorar a cultura trabalhando sobre as influências da cultura africana na nossa cultura, a professora de Língua Portuguesa, (a Branquinha), com o projeto de leitura “Asas da imaginação”. No Dia do Estudante também, aconteceu uma gincana para buscar atividades e informações sobre a nossa cultura, o 8º ano, que a nossa turma apresentou o Reis de Boi... .

Outro aspecto que foi demarcado na fala dos alunos, diz respeito ao sentimento de “vergonha” em participar de algumas atividades culturais, mas que não chega a ser um impeditivo, assim: “na verdade, a gente gosta de estar participando do Reis de Boi, mas dá uma certa vergonha, mas a gente faz, que no final vale a pena, eu tive até que me vestir de mulher...”.

A experiência com as oficinas de capoeira foi outro aspecto bastante destacado pelos alunos, e todos muito comovidos pelo recente falecimento de um dos instrutores,

Eu já fiz capoeira, eu entrei na capoeira pra conviver mais com meus amigos, e acabei gostando da capoeira, eu me achei na capoeira. Eu tinha bastante afeto pelo antigo professor que morreu. Desde então, eu parei de fazer capoeira, vai que eu choro...

E ainda sobre o tema, uma segunda aluna destacou:

Esse negócio que o antigo professor faleceu também me afetava muito, mas o real motivo, que eu tinha parado de fazer capoeira e ter parado de fazer jongo, foi que eu mudei, eu morava em Itaúnas, só que eu tive que mudar pra Pedro Canário, e lá eu não encontrava um grupo de capoeira que eu me identificasse tanto quanto o grupo de Itaúnas. Eu até achava a capoeira de lá estranha, meio diferente, não era a mesma, e também lá, ninguém conhecia o Jongo, ninguém tinha a mínima ideia do que era Jongo, eu não me senti no lugar para fazer a coisa cultural que eu fazia. Então, quando eu voltei pra cá, em Itaúnas, eu e minha mãe procuramos logo pra voltar pra capoeira. Aí eu vim pra capoeira, me encontrei de novo, encontrei minhas amigas que continuavam fazendo e eu realmente me sinto bem, ao voltar a fazer capoeira. Pretendo voltar ao Jongo, porque, querendo ou não, não é só algo cultural que eu esteja fazendo parte da cultura, e sim que a cultura também está começando a fazer parte de mim.

A capoeira apareceu na narrativa dos alunos como um importante fator de sociabilidade:

Olha, eu comecei a fazer capoeira desde bem pequenininha, pequenininha mesmo! Eu acompanhei Sissa, que ela é filha do falecido mestre de Capoeira, o Ademir. E até hoje, ela é minha amiga, minha prima, e ele era meu tio, e eu sempre acompanhei isso. E eu gosto muito de fazer, porque eu encontrei vários amigos, enfim, é uma coisa que quando você tá lá fazendo 'uhau', virando de cabeça para baixo e você volta pra cima, você vê que tá tudo no seu lugar e que você merece uma paz que tem lá!!

O jongo, prática de grande relevância histórica e cultural na região, também foi destacado pelos alunos:

Eu participo do Jongo desde pequenininha, o Jongo de São Benedito (do Preto Velho aqui de Itaúnas). Quando eu era pequena, tipo, eu comecei a participar dessa dança através vendo os adultos, desde pequenininha que eu gostava de apresentar. E hoje, eu incentivo muitas pessoas a participar, a brincar, a conhecer um pouco dessa cultura, porque muitos não conhecem, não tem atração, acham que não valem de nada, mas, hoje em dia, a cultura tipo o Jongo e outras brincadeiras fazem parte. Como aqui, muitas vezes, a brincadeira é esquecida, tem várias viagens, às vezes, chamam outras pessoas de outros lugares, de Conceição da Barra, e de São Mateus, e a nossa brincadeira aqui da vila é a mais esquecida. Tipo o Reis de Boi de Lucas, o Jongo, a capoeira, de vez em quando, tem viagem, mas a nossa brincadeira ainda é esquecida. Tem gente que tenta ajudar, buscar e muitas vezes a gente tenta mostrar pra essas pessoas que a cultura aqui é origem africana, ela veio dos escravizados, enfim, mas pra mim a cultura, ela tem uma identidade e que muitos possam ter esse conhecimento, e participar sabe, não é uma coisa chata. Quando a gente tá participando, muitas vezes, a gente pode tá com problemas que, às vezes, faz a gente esquecer desses problemas, faz a gente se divertir com as pessoas e reunir mais com os amigos, com as pessoas...

Na narrativa de outra aluna, observamos que apesar do não envolvimento direto com os projetos culturais, a experiência com o jongo no espaço escolar a remete à tradição e à memória familiar:

Eu nunca fiz nada do tipo, eu não me interessei tanto assim a ponto de querer fazer jongo, mas, realmente, jongo me chama muita atenção nessas coisas culturais. Minha avó me conta muito dos seus familiares que já morreram que fizeram isso, já viajaram pra vários lugares para brincar de jongo. Isso me interessa, mas não ao ponto de querer fazer. E sempre que tem na escola os projetos, que os professores pedem pra ler, ou apresentar sobre, é interessante, mas eu não cheguei a ponto de fazer nada. Mas as histórias que minha avó conta, que meu avô também contava sobre o jeito que eles brincavam, como eles brincavam, aonde eles brincavam, que depois que eles brincavam, eles iam lá e já tinha tudo pronto para eles comerem e tal... é interessante realmente saber a história de tudo, como os familiares faziam antigamente. Hoje em dia, não está tão assim, não tá todo mundo querendo fazer, porque, hoje em dia é...

A temática religiosa, especificamente o preconceito com as tradições de matriz africana, como um fator que provoca o distanciamento em relação às manifestações culturais: “[...] eu também nunca participei de nenhuma dessas culturas, por conta que, quando era pequena, não por conta de religião católica, nada disso, mas, que minha mãe

é evangélica, então dentro da igreja tinha “regras”. Ela fez um sinal com os dedos para enfatizar a palavra regras, por isso o destaque com aspas, e continuou a falar:

[...] que falavam que não podiam participar disso e daquilo, mas eu sempre olhava e queria muito. Então, quando eu era pequena, tipo, e agora com 14 anos perdi o interesse total, por conta que antes eu não podia fazer, não que minha mãe tem algum preconceito, mas por conta dela também não querer que as pessoas de dentro da igreja ficassem falando e cobrando em cima dela, por conta se eu fosse fazer, por isso, ela não deixava eu fazer. Aí, hoje eu perdi totalmente o interesse, mas pelo que meu tio conta, ele fazia de tudo pra conseguir ir brincar nos grupos, e aproveitava muito e até hoje vários grupos conhecem ela e eles pedem pra brincar, e meu primo Tarcísio também gosta muito de fazer capoeira, ele é bem dedicado, e quando tem qualquer apresentação, ele vai e eu vejo que ele gosta bastante. E eu perdi o interesse por conta que quando era mais nova eu nunca pude fazer.

Além das histórias compartilhadas, o envolvimento dos alunos durante a pesquisa foi muito significativo e relevante, pois o entusiasmo deles se tornou nítido durante suas falas, e, para cada tema proposto, muitas observações eram tecidas. Via-se, estampado em seus rostos e gestos, todo o empenho, cuidado, carinho e dedicação, não só com os grupos culturais existentes na vila, mas com a cultura local em geral. Sendo assim, observamos que as ações desenvolvidas pela escola vem promovendo a aproximação com a cultura local, processo de extrema importância, pois conforme Moreira e Candau (2003, p. 159) “não se pode conceber uma experiência pedagógica “desculturalizada”, em que a referência cultural não esteja presente”.

CONCLUSÃO

Segundo Geertz, “[...] compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade” (GEERTZ, 1989, p.10). Ou seja, para entender aquilo que pode ser visto, expressado, dito, falado, compreendido, é importante “conversar com eles” (p. 17), e poder compreendê-los. Essa perspectiva teórico-metodológica norteou o desenvolvimento desta pesquisa, que teve como objetivo central investigar a cultura popular local e o diálogo com a escola na Vila de Itaúnas, localizada na cidade de Conceição da Barra, Espírito Santo.

A história da região é marcada pela forte presença indígena e negra, e conseqüentemente traz a grande herança cultural desses povos. Na atualidade a cultura é um forte traço de identificação de afirmação da identidade e está presente no cotidiano escolar. Observamos com a pesquisa de campo o destaque dado ao dialogismo entre os

grupos culturais e a escola, nesse processo os Editais de apoio a cultura publicados pela SECULT, como exemplo o citado projeto “Diversidade cultural na escola”, que aconteceu entre os anos de 2018 e 2019, fortalecendo, dessa maneira, o senso de pertencimento da cultura popular local, e o enriquecimento e significado da prática cultural em conjunto com a escola, com respeito à sua identidade. O cenário da pandemia COVID-19, entre os anos de 2019 a 2021, interrompeu as apresentações dos grupos da cultura popular e os projetos e oficinas com a escola, atualmente verifica-se a retomada das atividades dos grupos e as ações no espaço escolar.

Nas últimas décadas, verifica-se o processo de crescimento da vila de forma cada vez mais intensa, principalmente depois do asfaltamento da via de acesso à vila, provocando alterações sociais, econômicas e na paisagem local. Esse processo provoca o apagamento e a homogeneização da cultura local, deste modo, torna-se cada vez mais importante que a escola constitua-se em um espaço de experiência com as tradições, possibilitando o movimento constante de apropriação e reelaboração da cultura local

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BENJAMIN, Walter. Prefácio. Jeanne Marie Gagnebin. “Walter Benjamin ou a história aberta” in: **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. (Obras escolhidas v.1). Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 1. ed., Brasiliense, 1985. P. 7-19.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Currículo sem Fronteiras: Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas**. R.J. v.11, n.2, pp.240-255, Jul/Dez 2011.

CASTRO, Monica Rabello de; FERREIRA, Giselle; GONZALEZ, Wania. **Metodologia da pesquisa em educação**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial, 2013. ISBN: 978-85-66293-01-2.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

JACÓ, Paulo. Morador da Aldeia. **Entrevista Gravada** em 06 de abril 2022. Vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES. Arquivo AAC – 22,2 MB, 13:42

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, Maio-Ago, n.023. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. São Paulo, 2003, p.156- 170.

VELHO, Gilberto; CASTRO, EV de. **O Conceito de Cultura e o Estudo das Sociedades Complexas**: uma perspectiva de cultura. Rio de Janeiro. Conselho Estadual de Cultura, n. 1, jan. 1978.

VYGOTSKI, Lev S. **Historia del Desarrollo de las Funciones Psíquicas Superiores**. Em Lev S. Vygotski. Obras Escogidas. Tomo III. Madri: Visor/MEC, 1995

WIED-NEUWIED, Príncipe Maximiliano de. Prinz Von Wied (1782-1867). **Viagem ao Brasil** - Col. Reconquista do Brasil (2.^a série) vol. 156. São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1989, p.169-173.

CAMPOS, Veratriz Souto. Diretora da EMEF Benônio Falcão de Gouveia no período de 2008 a 2019. **Entrevista gravada** aos 17/05/2022, na Biblioteca Hermógenes Fonseca, (Parque Estadual de Itaúnas), Vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES. Arquivo AAC – 22,2 MB, 13:42

GRUPO FOCAL com os alunos do 8º Ano (séries finais). **Gravado aos** 29/11/2022 na sala de leitura da EMEF Benônio Falcão de Gouveia na vila de Itaúnas, Conceição da Barra/ES. Arquivo AAC – 34,8 MB, 11:16.